

# Margarida Calafate Ribeiro

## Nós e os outros lusófonos

A Literatura pode ser um “espaço” privilegiado para compreender as complexas teias que se estabelecem entre países. Investigadora, Margarida Calafate Ribeiro há cerca de 20 anos que vem a observar Portugal e os PALOP a partir das vozes dos seus escritores e poetas. Parte dessa reflexão está agora condensada em quatro volumes que organizou, em parceria, dedicados às literaturas de Angola, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe e Moçambique, bem como numa *Antologia da Memória Poética da Guerra Colonial*, co-organizada com Roberto Vecchi

Maria João Martins

# M

Move-a a uma emergência de compreender cada vez mais, cada vez melhor. Quem e o quê? Portugal contemporâneo através dos mundos que tocou de forma persistente nos últimos séculos. Falamos de Margarida Calafate Ribeiro, 45 anos, investigadora associada do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Coimbra, atualmente professora na Cátedra Eduardo Lourenço da Universidade de Bolonha, em Itália. Autora de uma vasta reflexão ensaística a partir da Literatura (em que avultam os livros *Fantasmagorias e Fantasias Imperiais no Imaginário Português Contemporâneo*, em parceria com Ana Paula Ferreira, *Uma História de Regressos e África no Feminino*), acaba de publicar, sempre com chancela da Afrontamento, *Literaturas da Guiné-Bissau: Cantando os escritos da História* (com Odete Costa Semedo); *Lendo Angola* (com Laura Cavalcante Padilha), *Moçambique Das Palavras Escritas* (com Maria Paula Meneses); *Literaturas Insulares Cabo Verde e São Tomé e Príncipe* (com Sívio Renato Jorge). Com Roberto Vecchi, acaba de publicar *Antologia da Memória Poética sobre a Guerra Colonial*, em que a dor causada pela vivência do conflito junta autores canónicos como Manuel Alegre, Fernando Assis Pacheco ou Jorge de Sena com versejadores espontâneos, num corpus fundamental para compreender a nação em que nos tornámos.

**Jornal de Letras: Acaba de coorganizar (e publicar) quatro**



Margarida Calafate Ribeiro As literaturas africanas lusófonas são essenciais para a compreensão de Portugal contemporâneo

**volumes sobre cada uma das literaturas africanas de expressão portuguesa. O que pode o leitor encontrar em cada um deles?**

Margarida Calafate Ribeiro: São quatro livros nascido do esforço de um grupo de trabalho em que se estudou muito seriamente a necessidade de autonomizar as literaturas dos vários países africanos lusófonos, em vez de continuarmos a falar delas como um todo. É um projeto ambicioso, que, para dizer a verdade, é tanto cultural como político.

**Em que medida?**

Temos de considerar, antes de mais, que as literaturas africanas todas elas evoluíram de maneira mui-

to diferente da dos países europeus, em que faz sentido manter a compartimentação por países. Se estudamos a Literatura Angolana, o que fazemos com um António de Oliveira Cadornega, que escreveu a *História Geral das Guerras Angolanas*, no século XVII, por exemplo? Obviamente que esta foi uma literatura muito conectada com o poder real e veiculada à língua imperial, mas é de Angola que fala um grande conhecimento de causa. Mas como me disse o Luandino Vieira, numa das muitas conversas que tivemos ao longo deste trabalho, há um momento em que o idioma de conquista passa a ser um troféu de guerra porque pertence a ambas as

partes. Essencialmente estes livros constituem um grande desafio às Histórias da Literatura porque interrogam-nos sobre a maneira como textualizamos todo um continente.

**Como nasceu este projeto?**

No seio do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e creio que essa circunstância foi decisiva para a natureza que ele tomou. Este foi um espaço fundamental para que a discussão fosse politizada, em lugar de ficar circunscrita ao debate sobre as Literaturas, como talvez tivesse acontecido numa Faculdade de Letras. Começámos em 2007, com pequenos cursos dedicados a cada uma dessas literaturas e a receção foi excelente. A partir daí, procurámos criar um livro orgânico para cada país, com a participação de críticos de todas as línguas portuguesas, mas também com colaborações de críticos e ensaístas de outras expressões (franceses, ingleses, americanos) para que estabelecessem comparações com os seus próprios sistemas. Do mesmo modo, sempre para evitar miopias e alargar o ângulo de observação, procurámos deliberadamente contar com a participação de especialistas de outras áreas disciplinares como a Antropologia (por excelência, a grande ciência colonial), o Direito ou a História e, em muitos casos, ouvimos as vozes dos próprios escritores.

**Falou de Guerra Colonial. Acaba de lançar, em colaboração com Roberto Vecchi, uma Antologia da Memória Poética da Guerra Colonial. O que podemos encontrar neste livro?**

A Antologia reúne todo um corpus literário que vem preencher um certo vazio historiográfico em torno do tema da Guerra que Portugal travou em Angola, Moçambique e Guiné-Bissau entre 1961 e 1974. No livro *Uma História de Regressos* eu tinha-me dedicado a abordar a narrativa em torno da Guerra, em colaboração com Roberto Vecchi, grande especialista em Literatura (lançou recentemente um livro intitulado *A Exceção Atlântica*), mas cedo me deparei com a importância que a poesia assumia também como reflexão e testemunho das vivências de guerra. Agora, financiados pela Fundação da Ciência e Tecnologia, investigámos um corpus de poesia da guerra colonial, que é uma coisa verdadeiramente imensa. Para isso, contámos com a colaboração e indispensável apoio de um núcleo de pessoas constituído por Helder Macedo, Manuel Simões e Vincenzo Russo (da Universidade de Milão).

**Porquê uma Antologia da Memória Poética e não uma Antologia Poética tout court?**

Porque fomos ver (e recolher) uma literatura muito pouco canónica, que, em muitos casos, nos levava a perguntar se aquilo era ou não literatura e colocava-nos bastantes problemas, muito interessantes do ponto de vista da reflexão sobre estas questões. Mas o tema é avassalador

e, deste modo, para além de poemas de autores importantíssimos como Assis Pacheco, Fiama Hasse Pais Brandão, Maria Teresa Horta, João de Melo, Jorge de Sena, Manuel Alegre ou Ruy Belo há uma série de materiais que recolhemos em edições de autor, imprensa regional e revistas militares. Trata-se de produção que, em muitos casos, tem uma dimensão terapêutica evidente e que, nessa condição, tem um valor inequívoco como testemunho. Dividimos o livro em várias secções: “Partidas e Regressos”; “Quotidianos”; Morte; Guerra à Guerra; O Dever da Guerra; Pensar a Guerra; Memória da Guerra; Canção e para todos eles encontramos versos de autores espontâneos.

**Disse que esta poesia muitas vezes colmata as lacunas da Historiografia? De que maneira? Temos de considerar as particularidades desta guerra, nomeada-**



**Temos de considerar as particularidades desta guerra, nomeadamente o facto dela ser, em grande parte, inconfessada e inconfessável**

mente o facto dela ser, em grande parte, inconfessada e inconfessável, envolta em silêncio quer antes, quer depois do 25 de abril, embora por razões diferentes. Nestas circunstâncias, estes poemas, até porque não são ditados por uma busca literária ou de apuro formal que existe nos grandes nomes da literatura, tem o mesmo valor documental que as cartas enviadas pelos soldados às famílias, um corpus documental a que a Historiografia ocidental atribuiu a maior importância no estudo e memória de qualquer conflito.

**Houve surpresas?**

Descobrimos, antes de mais, a existência de muita poesia laudatória da guerra e do regime que a ela conduziu, embora a maior parte fosse de protesto. Temos de considerar que a guerra não é de esquerda nem de direita, mas de todos os portugueses que nela participaram ou nela estiveram envolvidos. A segunda surpresa foi o facto de termos encontrado muita poesia escrita por mulheres. E a quantidade é também ela qualquer coisa de espantosa. Estamos a falar de um Portugal em que a maior parte da população não tinha mais do que uma escolarização básica com uma expressão linguística muito limitada. Assim sendo, este foi um desafio a vários níveis, que nos colocou várias incógnitas interessantes. E este é apenas o princípio. ■